



SEMINÁRIO DA PRAINHA, TRAÇO DE LUZ NA HISTÓRIA DA IGREJA E DA CULTURA

*Frei Carlos Josaphat, OP**

Introdução: Objetivo e perspectivas de nosso itinerário.

Vamos empreender juntos uma boa caminhada no tempo e no espaço. O ponto de partida e de referência será a evocação de minha experiência, de meu contato com o Seminário da Prainha e com outros seminários e casas da Congregação da Missão. Essa visão pessoal terá algum valor se conseguir situar-se no contexto da grande história da Igreja, da cultura, da educação em nosso País. Mais ainda, convém confrontá-la com outras abordagens similares, recorrendo aos estudos descritivos e narrativos, dando a devida atenção às análises críticas sobretudo daqueles que parecem ter razões de apreciarem de maneira diferente o sentido dos fatos ou seu encadeamento.

I – Um pouco de história de minha convivência com os Padres Lazaristas

São dezenas de anos de contato com mais de uma centena de Filhos de S. Vicente no dia-a-dia de uma meia-dúzia de casas em geral importantes, pois eram casas de formação. De fato, desde os verdes anos da adolescência, da mocidade entrando pela idade madura, estive com os padres Lazaristas: em Diamantina, Petrópolis, Caraça, Mariana e Fortaleza.

A esse perfilar de pessoas, fatos, situações e acontecimentos, seria bom poder juntar as disposições e atitudes que qualificam a testemunha no campo da história oral: a presença, a simpatia, a capacidade de identificar-se com os protagonistas e as instituições que estão em jogo, e ao mesmo tempo, o desinteresse, a distância crítica, para não condenar nem defender posições, mas compreender os comportamentos, as idéias, as ideologias em suas conexões na simultaneidade e na sucessão do tempo, encadeando-se até chegar ao momento que estamos vivendo hoje.

Por todo nosso ser, fazemos parte da história, essa comédia divina e humana envolvendo e desdobrando todas as dimensões da vida, desde as

miudezas genéticas das células, até às criações dos gênios do saber e da arte, às maravilhas da mística e da santidade. Com a atenção voltada para esse paradigma de uma história total e abrangente, vou lembrar até com muito carinho e uns fiapos de saudade meu longo e profundo conviver com os Padres Lazaristas. Descrevendo e apreciando fatos e pessoas, tentarei fornecer-lhes elementos de reflexão com a coloração afetiva, sentimental tal como se foi desenhando no desenrolar desses tempos idos e vividos.

Após ter vibrado no grupo escolar de minha terra, acompanhando como menino apaixonado a revolução de 1932, - para nós mineiros, detestável revolução separatista-, em começos de 1933, inauguro o meu primeiro quinquênio de convivência com os Filhos de S. Vicente no Seminário de Diamantina. O líder entre eles era o Padre José Dias Avelar, muito culto, de uma piedade que deixava a gente bem à vontade, respeitado e estimado por todos, pois dava a impressão de estar sempre ocupado a fazer tudo andar bem para que a menina estivesse contente.

Essa era a tonalidade geral, os mestres pareciam animados de uma piedade discreta, mantendo a disciplina sem dureza, de modo que o seminário era casa muito séria de estudos mas também um ambiente descontraído, de muito esporte, de muito debate, de muita discussão política. Bem precocemente, a garotada entrava nos debates sobre integralismo, getulismo, comunismo, liberalismo, ditadura, democracia, brigava pelos franceses e detestava os alemães, os de Hitler naturalmente. O seminário se destacava no humanismo, no estudo das línguas, em torno da trilogia português, latim, francês.

Entre para o seminário para estudar, sem saber o que fazer da vida. Sem qualquer proselitismo da parte dos mestres, superando umas crises em torno da mediocridade que me chocava na Igreja, fiquei encantado com S. Vicente e resolvi ser lazarista. Antes de partir para o noviciado, ainda em Diamantina participei de um retiro dos meus professores, sendo encarregado de ler para eles no refeitório os escritos do santo Fundador, nos grossos volumes de sua correspondência e suas conferências, editados pelo famoso Pierre Coste. Lia tudo em francês, sendo de antemão pilotado pelo Padre Avelar, para saber saltar as repetições, quando S. Vicente escrevia várias cartas no mesmo dia e dava notícias idênticas a destinatários diferentes. O pré-noviço que eu era já estava um tanto enfronhado no francês e no jogo vicentino.

Parti então para o Seminário de Petrópolis para fazer os dois anos de noviciado, dois de filosofia e quatro de teologia. Recebíamos uma sólida formação de filosofia e teologia clássicas, segundo os melhores manuais

aprovadas na França, mas para a filosofia seguindo o difícil compêndio em latim do beneditino Joseph Gredt. Com essa formação intelectualmente orientada pelo padre Carlos Pelissié, os jovens filósofos e teólogos lazaristas podiam entrar em contato com outras correntes de filosofia e teologia, sobretudo com a renovação que soprava na França e abrindo novos horizontes em todos os setores da teologia, da pastoral, da catequética, da liturgia, do ecumenismo e da Bíblia.

Mas aqui bate o ponto. Com uma imensa estima da vocação vicentina, com uma bagagem filosófica e teológica de valor mas de tipo mais escolástico, recebíamos também um forte ideal de renovar a Igreja bem como a formação do clero, em uma perspectiva crítica e que pretendia tornar-se criativa. Ordenado sacerdote em dezembro de 1945, com bom número de coirmãos lazaristas, eu me sentia intimamente voltado para todas as tendências de renovação na Igreja e da Igreja, no campo espiritual, pedagógica, pastoral com incidência nos trabalhos nos seminários e junto ao povo. A nossa formação de base era no fundo ambivalente, ensinávamos a conformidade e a contestação. Como conciliar o antagonismo dessa dupla tendência, quando se tratar de inserir esses jovens recém formados na rotina tranqüila dos seminários nas diferentes dioceses, onde os bispos se mostrassem alheios senão opostos a inovações na formação e na vida de seus padres?

A história o dirá. Mas antes, para um melhor preparo prático e uma espécie de estágio pedagógico, aí pelos começos de 1946, sou enviado para o Caraça, então escola apostólica ou seminário menor destinado à formação só de lazaristas. O superior é o Pe Antônio da Cruz, que representa plenamente o princípio da ordem que domina todo o sistema educativo, dele fazendo um quadro e um clima de total consagração ao estudo. O isolamento geográfico reforçava e tornava total a falta de contato com o mundo. Confrontado com a imagem que nos dá a história e a que faremos alusão, o Caraça que eu conheci em um ano apenas, ocupado em ensinar latim a todas as séries, era bem mais austero do que o seminário que frequentei em Diamantina. Nele pairava um certo medo dos castigos, sobretudo de ter de comparecer só a só diante do julgamento do superior.

O que domina no entanto é um empenho de estudar, uma certa emulação entre os jovens.entre grupos e séries, todos sendo envolvidos em um programa de espiritualidade, missa cotidiana e comunhão frequente, contando nas horas tristes com a ajuda de um diretor espiritual. É o modelo geral de um seminário menor com as variantes de um internato inteiramente isolado entre as serras. Oferece um clima de respeito mas

também de bondade, de confiança dos alunos para com os mestres, sobretudo no plano confidencial da orientação espiritual.

Creio que se poderia generalizar com algum fundamento a seguinte apreciação: os seminários têm então um conjunto de elementos comuns, que deles fazem educandários, onde se ensina e se aprende com muito proveito; comportam um clima e bons estímulos de piedade, a disciplina sendo mais ou menos rigorosa, o que faz as diferenças mais notadas entre um ou outro estabelecimento.

De 1947 a 1951, é o curto e para mim denso período de minha experiência de formador do clero, nos dois seminários maiores de Mariana e de Fortaleza. Em cada um deles, o corpo docente, a que me integrava, era formado de uma dúzia de professores lazaristas contando com a colaboração de dois ou três padres do clero diocesano. Aqui surgem as questões que nos introduzem à crise na formação do clero e ao abandono dos seminários a que se verão forçados os Lazaristas. Voltarei de maneira mais ampla e completa a esses problemas, colocando-os no grande contexto da história da Igreja e do Brasil. No momento, é simples testemunho de minha experiência, aliás bem limitada.

A partir de fevereiro de 1947, lá estou em Mariana, no seminário de Dom Helvécio Gomes de Oliveira, arcebispo de grande autoridade, sempre atento e mesmo cioso em evitar problemas para seu clero e sua diocese. Uma grande diocese, piedosa, tranqüila é de grande valor diante de Deus e da Santa Sé. Ora, o Arcebispo vê claramente que os problemas lá chegavam pelo ensino da teologia, sobretudo da eclesiologia, pois dois professores, o pe. Domingos Guglielmelli e eu mesmo, com certa inocência introduzíamos aquelas novidades a que aludi falando de nossa formação em Petrópolis.

Esses conflitos que só atingiam as relações com a Autoridade diocesana, sem suscitar problemas entre professores ou com os alunos, se concentravam em uns três pontos nevrálgicos: Ação católica, reforma litúrgica, Jacques Maritain entendido como filósofo modernista, eram três monstros ameaçadores para a igreja e para o mundo na apreciação de Dom Helvécio. Eram justamente temas do gosto da nova geração de professores e alunos. Tendo sido encarregado da capelania do Colégio Providência das Irmãs vicentinas aí introduzi, juntamente com a JEC, a missa dialogada. Foi a gota de água que fez transbordar a paciência do Pastor diocesano. Pediu meu afastamento imediato do Seminário, sendo atendido prontamente pelo meu provincial lazarista, Pe. Francisco Godinho, que me enviou logo para o acolhedor seminário da Prainha.

Aqui a novela eclesiástica e teológica continua e talvez se torne mais interessante. Vamos, no entanto, interrompê-la para alargar o contexto das crises que levarão aos desfechos gerais em todo o País no que toca à formação de clero e à orientação de toda a igreja. Só acrescento, por enquanto essa observação de certa importância: os jovens lazaristas renovadores iam tomando consciência de que se tratava de uma luta, um pouco no estilo: “Gente, podemos perder batalhas, mas na última ganharemos a guerra”. Com essas disposições, em começos de 1949, beijei as mãos do santo arcebispo Dom Lustosa e comecei a ensinar filosofia e teologia pastoral para os jovens da Prainha.

II – No quadro da história, da cultura e da educação em nosso País

Situemos nossas pequenas aventuras no bojo da grande história.

A entrada de nosso País na cultura e na história da educação começa com a vinda da Família imperial em 1808. É a entrada também no campo das idéias liberais.

Vemos emergir dois modelos antagônicos de seminário: Olinda e Caraça. Eles simbolizam duas atitudes, duas compreensões da Igreja e de sua presença no mundo da cultura e da política. São dois pontos altos, duas formas concretas de realização do catolicismo no primeiro quarto do século XIX, encarnando duas tendências que continuarão o seu caminho, às vezes se opondo de maneira antitética, às vezes se encontrando, se acomodando, chegando a conviver com mais ou menos tranquilidade.

O seminário de Olinda e o seminário-colégio do Caraça têm trajetórias diferentes. Obra de uma forte personalidade que é o bispo Azeredo Coutinho,¹ o Seminário de Olinda levanta a bandeira da modernidade e mesmo da revolução, mas terá a curta duração de alguns decênios, quando as idéias revolucionárias explodem na Confederação do Equador. Nesta refulge com todo esplendor da inteligência e da coragem a figura de Frei Caneca.² Mas esse grande momento da revolução liberal e mesmo

¹ Dom José Joaquim de Azeredo Coutinho, 1742-1821, sagrado bispo em 1794, assume a diocese de Olinda em 1798. Excelente síntese sobre sua pessoa e sobre o Seminário de Olinda em Gilberto Luiz ALVES, indicado na Bibliografia.

² Frei Joaquim do Amor Divino Caneca (1774-1825), religioso carmelita. Note-se que Dom Azeredo Coutinho recebera sua primeira formação com os Carmelitas do Rio. Coutinho e Caneca têm uma formação semelhante, sintetizando e assumindo as idéias libertárias na França, na Inglaterra e nas correntes revolucionárias do Brasil. São figuras típicas do mundo moderno que na primeira metade do XIX se opõe ao

libertária se eclipsa e desaparece com o predomínio do princípio de ordem, da retomada do processo conservador inaugurado na colonização e que o Império brasileiro buscou levar em frente.

Merece destaque o fato singular. Dom Azeredo Coutinho estava em afinidade não apenas com as aspirações liberais, com os ideais do enciclopedismo, do iluminismo, da Revolução francesa e da Americana, mas simpatizava com a economia capitalista nascente sendo um dos raros, raríssimos senão o único eclesiástico que lia e acolhia com entusiasmo Adam Smith com suas teorias sobre a prosperidade das nações. A Igreja e a formação do clero deveriam então entrar na política, na economia, no dinamismo da sociedade, não para apoiar o poder menos ainda o poder absoluto, mas para levantar a bandeira da liberdade e guiar os povos nos caminhos do progresso até mesmo pelos atalhos escabrosos das revoluções.

O Caraça, ao contrário, surge como instituição bem nos moldes desejados pelas sociedades civis e religiosas, bem no gosto de suas autoridades assim como das elites políticas e econômico-sociais do País. O tipo de seminário-colégio como o Caraça caía bem em 1820 para inaugurar um tipo de formação de padres e de líderes sociais e ir caminhando com a organização, com o desenvolvimento do sistema eclesiástico bem como do sistema político e social do Brasil na Monarquia e depois na República.

Os Lazaristas vindos de Portugal são bem vistos e serão amparados pelos monarcas, D. João VI, Dom Pedro I e Dom Pedro II, porque esses religiosos se mostram eminentes por suas qualidades culturais e espirituais, mas se afiguram também alheios à política eclesiástica tal como a praticava a Igreja ligada aos Estados Pontifícios e ao sistema do padroado. Por essas atitudes os Filhos de S. Vicente mereciam ser acolhidos pelos monarcas luso-brasileiros, como o próprio santo Fundador deles no século XVII tivera boa entrada na corte francesa. Os políticos no poder sempre apreciam a religião fora da política, dedicando-se a manter o povo na ordem, na obediência e na paz.

Merece destaque nosso imperador, Pedro II. Estadista empenhado no governo harmonioso e no progresso então possível ao País, e por outro lado um estudioso, interessado por toda espécie de saber, de arte, de cultura,

poder absoluto e opta pelas liberdades na política e na economia. Representam a antítese do modelo lazarista, que Leandro e Viçoso implantarão nos seminários.

Dom Pedro ia mais longe, dando o devido valor à contribuição espiritual, intelectual e pedagógico dos lazaristas.³

Os lazaristas chegavam, pois, em boa hora e eram bem aceitos pelas autoridades políticas e religiosas, pela sociedade em geral, porque eles vinham preencher uma grande lacuna e oferecer de maneira competente embora limitada aquilo de que o País e a Igreja mais necessitavam: um modelo de missão, de religião de inspiração evangélica e uma formação do clero, mais ainda um estilo pedagógico humanista, em harmonia com a piedade do povo e com um projeto de morigeração desejado pelas elites e pelas grandes famílias a que faltavam instituições de ensino secundário e superior.

III – Visando reformar a Igreja, uma plêiade de bispos lança uma rede de seminários

Os historiadores falam em geral da romanização da Igreja e da aplicação, sem dúvida tardia, da reforma tridentina em nosso País, situando dentro desse contexto a importância dos seminários implantados nas dioceses, nas imensas dioceses que correspondiam então praticamente às grandes províncias do Império do Brasil. Temos aí uma imagem inicial da situação e da marcha do nosso catolicismo sobretudo no século XIX. A reforma de Pombal, a supressão do projeto religioso e cultural dos Jesuítas, que não tiveram propriamente sucessores, deixavam um vazio que será parcialmente preenchido pela emergência dos grandes bispos tendo o apoio dos lazaristas desde a primeira metade do século XIX.

A romanização, na linha do Concílio de Trento, correspondia a um feixe de aspirações eclesiásticas e políticas que se encontravam em um denominador comum pragmático: acabar com as agitações patrióticas dentro do clero, neutralizando certas figuras que prolongavam a liderança do bispo Coutinho, de Frei Caneca e do Cônego Diogo Feijó, consolidar o padroado, com a plena sujeição da Igreja ao Império. Para isso, era necessário utilizar os bispos, as suas dioceses, seus seminários bem como

³ Dentre as amigadas de artistas, escritores cientistas que mantinha o Imperador, é muito significativa e tocante a sua estima e mesmo a sua veneração pelo sábio missionário lazarista francês, um pioneiro que evoca o que será depois dele Theilhard de Chardin, é Padre Jean-Pierre Armand David (1826-1900). Já no exílio, Dom Pedro estreitará as relações com o missionário cientista e pedirá para ser assistido por ele, no momento em que nosso ex-imperador se via chamado a entrar na eternidade (em Paris, 5 de dezembro de 1891).

as irmandades e confrarias, então fortes diante de um clero escasso e mal preparado, buscando colocar essas instituições eclesiásticas a serviço da ordem. Com elas, se poderia contar ainda com um real benefício também para a cultura, pois seminários e colégios eclesiásticos poderiam propiciar recursos e lugares de educação para esses poucos milhões de brasileiros que a colonização deixara desprovidos de estruturas no que toca à religião, à instrução e ao trabalho livre.

A história guarda como figuras simbólicas o Padre Leandro e o Padre Viçoso mais tarde Dom Viçoso.⁴ Um e outro totalmente devotados à vocação lazarista sob o seu tríplice aspecto: da pregação missionária, do aprimoramento do clero e do ensino em seminários e colégios. Chegando ao Caraça em 1820, se põem a desbravar matas e abrir espaços para o colégio, começam a ensinar e passam logo a pregar e catequizar nas aldeias vizinhas, no empenho de evangelizar os pobres. Ambos discretos, humildes, mostrando sempre o empenho de bem entender e realizar as necessidades e as condições de vida da igreja e do país. Mas Leandro menos audacioso, digamos mais conservador, ao passo que Viçoso é mais aberto, dialogando e mesmo debatendo com coragem com Leandro seu superior sobre temas espinhosos como a escravidão, Viçoso, à diferença do coirmão, sendo um defensor lúcido e tenaz da emancipação dos escravos.⁵

Encontramos aqui o intrigante dilema: manter-se na reserva diante de temas controvertidos ou desafios históricos, ou tomar parte e posição nas contendas com o empenho de abrir novos caminhos, - semelhantes encruzilhadas aparecerão mais de uma vez, chegando a tornar-se mais e mais ocasião de crises entre os Filhos de S. Vicente. Encarar sem medo semelhantes desafios, tentar compreender-lhes a trama e o sentido no passado e na atualidade talvez seja o bom fio condutor da história da Congregação, da Igreja e da cultura.

⁴ Padre Leandro Rebelo Peixoto e Castro (1781-1841) com o Pe. Viçoso fundou o Colégio do Caraça em 1820. Note-se foi diretor do Colégio Pedro II no Rio durante dois anos (1838-1839). Dom Antônio Ferreira Viçoso (1787-1875) foi durante 31 um anos bispo de Mariana(1844-1875). Teve como sucessor e biógrafo Dom Silvério Gomes Pimenta que começou seu processo de beatificação.

⁵ O Pe. Leandro escreveu uma “Memória analítica acerca do comércio de escravos”, 1837, defendendo o direito dos fazendeiros de importar escravos, quando a lei já proibia o tráfico negreiro; o Pe Viçoso replicou ao coirmão, enviando-lhe um texto sereno: “Africanos injustamente escravizados, depois da Lei Brasileira de 7 de novembro de 1831”. Ambos os textos manuscritos se encontram no Arquivo do Caraça.

Um olhar sobre a primeira leva dos lazaristas, liderados por Leandro e Viçoso, já vai nos introduzindo na série de problemas e desafios que os seminários terão de enfrentar, em fases de serenidade ou de crises. Na tradição interna da Congregação da Missão, é a chamada etapa portuguesa, seguida da etapa francesa e finalmente da brasileira. Em menos de dez anos, após a vinda dos primeiros portugueses, já contam com uma comunidade de 9 padres, dos quais quatro brasileiros; ao todo entre jovens em formação e irmãos leigos há duas dezenas de Lazaristas, que assumem além do Caraça o santuário e o Colégio de Congonhas.

Mesmo os originários de Portugal se declaram brasileiros e ostentam em seu prospecto as armas imperiais. Identificam-se com o nosso povo, não se envolvem com as agitações das cortes no Rio e em Lisboa, com as lutas de interesses e tendências dos políticos de aquém e além mar, mas desde o começo vão praticando um jogo sereno e pragmático com a política e os políticos, empenhando-se em ganhar ou mesmo forçar os monarcas e seus ministros a amparar e a desenvolver colégios, seminários, santuários, trabalhos culturais e assistenciais lá no coração de um país até então largado e desprovido de meios não só de desenvolvimento mas até de sobrevivência.

Esse imenso Brasil, ao lado de uma rede administrativa, que mal dava para arrecadar impostos, garantir a ordem e permitir o crescimento de uma economia agrícola e extrativa, havia uma outra rede, formada pelas dioceses, pelas casas e institutos religiosos, relativamente pouco numerosos, mas constituindo no entanto um sistema de circulação de uma forte seiva cultural e espiritual. Espalham ânimo e alegria de viver, multiplicando ensino catequético e cívico de base, prodigalizando ao bom povo desamparado festas, procissões, momentos de fé, de jubilosas encenações teatrais. Para além das ambições de riquezas, de poder, de prestígio, o Brasil crescia como povo, como povo sadio e solidário, graças a essas duas forças conjugadas a família tradicional e a religião popular.

A história deve reconhecer então a importância decisiva e mesmo única dos bispos, de uma simples dúzia de bispos que foi o número máximo de mitras e de dioceses que o sistema de padroado permitiu existir até praticamente os fins do século XIX. Ora, grandes bispos em dioceses imensas se dotavam de amplos seminários para formação do clero, mas generosamente abertos às famílias, pelo menos das elites. Por vezes vistosa, e com muita frequência jorrando subterrânea e escondida, está aí a grande torrente cultural, que contribuiu de maneira decisiva e permanente

para a formação do Brasil cordial, unido e coerente em sua identidade humana e cristã. Creio que já estão vendo sem dúvida surgir no horizonte, ao som dos verdes mares bravios, não longe da Praia de Iracema, este querido seminário da Prainha.

Para compreender o despontar desse educandário, em meio à constelação de muitos outros focos irradiantes de fé, de cultura e de educação, convém centrar carinhosamente a atenção sobre a figura ímpar de Dom Viçoso, que formou ou ordenou uma plêiade de bispos, os quais por sua vez e a exemplo dele fundaram seminários e criaram literalmente dioceses em uma verdadeira fecundidade missionária.

Em um primeiro olhar, sem dúvida admirativo, evoquemos essa paternidade episcopal desse discreto patriarca de origem portuguesa, mas que se tornou bem mineiro, Dom Antônio Viçoso. Sem ter a pretensão de ser completo, e sem falar de mais de três centenas de padres, destaquemos os cinco grandes bispos que ele ordenou e espalhou qual sementeira de dioceses e de seminários por este imenso e querido mundo de Deus que é o nosso País e mais ainda por nosso abençoado Nordeste de Dom Hélder e do Padrinho Padre Cícero (um e outro aliás foram alunos da Prainha).

Cada um desses nomes são portadores de história, fazendo resplandecer para nós regiões e sucessões de períodos luminosos de presença do Evangelho, de sua força salvadora e humanizadora: Dom Pedro Maria de Lacerda, bispo do Rio de Janeiro de 1868 a 1890, Dom João Antônio dos Santos, primeiro bispo de diamantina, de 1864 a 1905; Dom José Afonso de Moraes Torres, bispo do Pará, de 1843-1858, predecessor imediato de dom Macedo Costa, Dom Silvério Gomes Pimenta, auxiliar de Dom Viçoso e seu sucessor na Sé de Mariana, de 1896 a 1922; e foi carinhosamente deixado para o fim porque mais nos interessa: Dom Luís Antônio dos Santos, primeiro bispo do Ceará, de 1860 a 1881.

IV - Seminários formadores do clero e fontes de cultura humanista em todo o País

Esses bispos fundam e animam seminários do norte ao sul do Brasil. Esse movimento de conjunto se liga a amplo e profundo projeto de reforma da Igreja, de ação renovadora em diferentes planos da vida das dioceses, das paróquias e do povo em geral. Não se veja nisso uma espécie de conchavo sagrado, de um acordo passado não se sabe onde nem quando. É de maneira mais matizada que se deve entender uma romanização

programada da Igreja do Brasil, ou de aplicação do modelo tridentino de formação clerical.

Há uma fonte vicentina simbolizada e concretizada na figura e na influência de Dom Viçoso, donde resulta uma espécie de colegialidade fraterna, todo um vasto conjunto de bispos tendo uma mesma visão, vivendo uma mesma espiritualidade e chegando a um acordo bem mais nas convicções e formas de pensar e viver do que em projetos arquitetados em encontros, aliás raros no século XIX.

A leitura dos documentos oficiais sobre a fundação do seminário de Mariana e sobre o empenho das autoridades eclesiásticas e políticas de o confiarem à Congregação da Missão pode ser muito esclarecedora. O bispo Dom Viçoso e seu cabido se mostram muito conscientes da orientação decidida, profunda e duradoura a dar à formação do clero, em comunhão com Roma e em prosseguimento do que se fazia na Europa, especialmente na Itália, onde essa formação era confiada à Congregação da Missão, com as bênçãos e o beneplácito do Romano Pontífice Pio IX. Os pedidos feitos ao superior geral dos Lazaristas, ao Papa e ao Imperador fazem menção dessa intenção ampla de integrar o Brasil nessa corrente então renovadora. As respostas confirmam essa mesma perspectiva que anima a solicitação partindo de Mariana. Mais ainda a carta muito explícita e motivada pela qual o Cabido apóia fortemente o projeto de Dom Viçoso mostra como esse projeto se estende a toda a rede dos bispos brasileiros.

Veja-se esta amostra deveras expressiva: “O Cabido folga muito por ver o Nosso S. Padre o Papa Pio IX e S. Majestade Imperial, entrados no pensamento de V. Exc (=Dom Viçoso), e acolhendo, favoravelmente, ajudando e authorizando o intento de V. Exc. [...] O Cabido sabe que o intento de V. Exc. tem sido imitado pelo sábio e venerando Arcebispo da Bahia e metropolitano do Império, e que é esposado pelos zelosos Prelados das Dioceses do Pará e São Paulo. [...]

As razões em que se firmão os mencionados Prelados, e tantos outros de outros países, este Cabido acha de muito pezo. [...] conhece muito bem a utilidade e necessidade de um Seminário, e quão sábio foi a tal respeito o pensamento dos Veneráveis Padres Tridentinos, mas também sabe que numerosas dificuldades estorvão o desempenho dos sublimes fins de tão santa instituição e que embaraços encontrarão os Exmos. Ordinários para verem florescer essas casas, onde se educa os jovens Levitas”.

E, em conclusão, insistem os Cônegos do Cabido marianense:

“E falando do Seminário desta Diocese, o Cabido vê clarissimamente a realização dos bens supramencionados, e folga muito por ser testemunha ocular da optima direcção que os ditos Padres deram ao Mariannense Seminário”.⁶

Para compreender a extensão cultural da influência dos seminários é bom considerar a entrelaçamento seminário colégio. Nesse caso é bom partir de algumas indicações ainda que simples e sucintas sobre o Caraça.

A relação seminário-colégio parece estabelecer-se sem dificuldade, havendo às vezes separação, em certas fases o Caraça por exemplo será formalmente só seminário ou Escola apostólica aceitando alunos sem se inquietar sobre a vocação que eles visam, ou mantém uma certa distinção com uma formação mais estrita e específica para os candidatos ao sacerdócio. Na prática, verifica-se uma comunidade de vida, um processo educativo que reúne os jovens numa mesma aplicação ao estudo, em um ideal de perfeição cristã, envolvida e animada por práticas de oração e freqüência sacramental, visando fazer do candidato seja um bom padre piedoso e celibatário, seja um bom cidadão, um chefe de família correto e virtuoso.

O venerável Regulamento emanando do Padre Leandro sintetiza na bela linguagem do tempo, de que modernizamos apenas a ortografia: “Eles (=os estudantes) devem persuadir-se que não vêm só para aprender os estudos e ciências, mas também as virtudes, e é o que os pais mais desejam de seus filhos. Vale mais um homem de conhecimentos medianos sendo virtuoso, do que o grande sábio sem virtude. Devem olhar para os diretores e mestres como para outros tantos amigos e como para quem faz as vezes de pais, e respeitá-los”.⁷

É oportuno notar que havia naqueles bons tempos um núcleo de moral familiar e social, sem dúvida pouco ou nada seguido na prática, mas aceito como ideário comum: antes do casamento, se presume que todo jovem há de guardar castidade perfeita, presunção teórica e otimista que na verdade suscitava era uma imensidade de problemas. Assim, nos internatos, se instauravam regimes de muita vigilância, pois a busca de

⁶ Respeitamos a ortografia do documento, transmitido por Pe. Eugênio PASQUIER, C.M. Os primórdios da Congregação da Missão (indicado na bibliografia), p. 121-122.

⁷ ANDRADE, Mariza Guerra de – A educação exilada. Colégio do Caraça, Autêntica, Belo Horizonte, 2000, p. 177.

prazer solitário e o pendor pelas amizades particulares entre colegas, sobretudo de idades diferentes, criavam um clima de desassossego perturbando o bom ritmo do processo educativo. Mantinham-se com extremo rigor as separações compartimentadas, os interditos da chamada “comunicação” entre classes de idades diversas. Em velhos textos de regulamento, se fala da diferença entre essas classes, - entre pequenos e grandes, mais precisamente - como se se tratasse de diferença de sexos, o que mostra o empenho de exorcizar os fantasmas da pedofilia, dentro de uma visão ou de uma mentalidade inseguras sobre a sexualidade.

Essas e outra práticas, não se tocaram os jovens evitando “o jogo de mãos”, as “amizades particulares”, pela própria linguagem importada do francês traduzem o quanto a pedagogia do Caraça estava inserida na mentalidade geral da época, infelizmente não criticada menos ainda retificada por uma moral humanista e cristã, imbuída da estima, do respeito do corpo, mas igualmente aberta à compreensão do amor humano, do desenvolvimento da afetividade e da educação harmoniosa da sexualidade.

Dando a devida proporção ao conjunto dos elementos e orientações do venerável Regulamento do Padre Leandro e à sua influência durante tantas dezenas de anos sobre as gerações sucessivas de mestres e alunos, Alceu Amoroso Lima (Tristão de Ataíde) situa a pedagogia do Colégio do Caraça de maneira muito positiva, insistindo mais sobre o “caráter de camaradagem entre súditos e autoridades” que ela contribuiu a estabelecer.⁸

Consideremos mais de perto a pedagogia lazarista em seu conjunto, em sua inspiração e seu contexto.

V - A pedagogia tranqüila dos Lazaristas diante das vagas de renovação da educação, da cultura, do saber e da técnica

Convém evocar alguns dados estatísticos que nos poderão sugerir uma idéia ainda que bastante aproximativa da amplidão da presença e da influência exercida pelos colégios e sobretudo pelos seminários, dirigidos e animados pelos Lazaristas.

Nestes pouco mais 180 anos de Brasil, calcula-se que mais de 2.500 sacerdotes foram alunos dos padres lazaristas e uns 160 foram elevados ao episcopado. Um exame dos arquivos permite inferir que passaram pelos

⁸ Alceu Amoroso LIMA (Tristão de Ataíde), *Voz de Minas*, Agir, Rio de Janeiro, 1946, p. 124-128.

colégios e seminários por eles dirigidos uns 200 senadores e deputados, 28 governadores de Estados, sendo sete de Minas, seis presidentes e três vice-presidentes da República. O que autoriza uma extrapolação razoável sobre a imensa e permanente influência cultural sobre as elites, classes médias e até muita gente humilde durante esses quase dois séculos.⁹

O campo que nos interessa imediatamente são os seminários que se responsabilizaram pela formação do clero e grande parte da elite cultural brasileira durante o século que vai de 1864 a 1964, o século de vida do seminário da Prainha e dos equivalentes nas grandes dioceses do Império e da República do Brasil.

Mas chegamos ao ponto vital, à consideração do que nos pode servir de referência e oferecer critérios para nossas apreciações históricas e para os delicados julgamentos de valores sobre as crises enfrentadas e os desafios que estão diante de nós, do País e da igreja hoje. Como chegar a compreender a pedagogia, as ações e opções dos Lazaristas, e de certo modo com eles, das forças vivas da Igreja, empenhadas na formação do clero, mais radicalmente: que tipo de ministros, que qualidade de cristãos se pretendia fazer surgir para enfrentar o mundo moderno? Eis aí, formulada de maneira um tanto embaraçada, a questão de veras complexa, que gostaríamos de abordar pelo menos em seus elementos essenciais.

Antes de mais nada, salientemos este dado fundamental: a pedagogia dos lazaristas, seu estilo de ver, de entender a formação do clero decorre da junção de um tipo de espiritualidade e de uma forma de cultura, escolhidas e cultivadas de maneira bem consciente no empenho de fidelidade a uma vocação a serviço da Igreja. Quanto ao essencial essa escolha remonta ao Fundador, S. Vicente de Paulo, que os Lazaristas seguiram sempre com um apego firme e constante, com o risco mesmo de cair em um rigor excessivamente literal.

S. Vicente é o místico e o militante da caridade. Sua característica, seu estilo, seu carisma, talvez se possa exprimir no supremo imperativo evangélico “Amarás com toda a tua inteligência”. Havemos de saber fazer hoje, dentro da situação e dentro sistema social, o que discernimos ser o melhor para os pobres, para a evangelização dos pobres. Ele funda uma companhia, um corpo de combatentes no século XVII, como fizera santo Inácio no século XVI, mas querendo purificar e ativar o amor, limpando-o

⁹ Consulte-se, por exemplo, José Tobias ZICO, CM, Congregação da Missão no Brasil. Resumo histórico(1820-2000), Lithera Maciel Editora, Contagem, MG, 2000, p. 244.

de toda pretensão, preservando a Congregação de toda estima corporativa, equipando a caridade com o máximo de humildade, para que ela seja um elã total, uma consagração ao Senhor presente e servido nos pobres. Por isso, ele proclama enfaticamente: no século das vaidades, ridicularizadas por Molière, Deus será bem servido pela “Pequena Companhia”, tanto mais eficaz quanto mais escondida.

Voltemos-nos à famosa definição da Congregação dada pelo próprio S. Vicente. Ele visa libertar seus filhos dos quadros e embaraços das instituições canônicas. E, assim, em oposição à vida religiosa, ou melhor para além da vida religiosa, definida como “estado de perfeição”, ele vê e proclama seus missionários em “estado de caridade.” Esse estado de caridade é entendido como um elã, um dinamismo bem ordenado como do interior, traduzindo-se na energia das virtudes, particularmente das cinco virtudes, equiparadas às “faculdades da alma” da sua “Pequena Companhia”:

- Duas virtudes dispõem à caridade, purificam os missionários e os tornam aptos a ser amados e a amar, a ser abrasados pela caridade: A simplicidade e a humildade.

- Duas virtudes são formas concretas de viver a caridade: a mansidão e a mortificação.

Essas virtudes formam o modelo de uma ascese, muito discreta e eficiente, pois envolvem a vida e a atividade do dia a dia estendendo o influxo da caridade, abrindo-lhe e limpando-lhe o caminho, na prática de um autodomínio, de um dom de si sem pretensão, aceitando com singela alegria os sacrifícios que decorrem do próprio amor inspirado pelo Evangelho.

- Esse quadrado de virtudes é completado pelo zelo que não é outra coisa senão a caridade em marcha, a lucidez e a coragem de se consagrar às tarefas cotidianas no serviço do próximo, especialmente nos escondidos trabalhos das missões, no ensino e na formação do clero.

Tentemos ver em ação essa maravilhosa espiritualidade enfrentando os problemas da pastoral, da pedagogia, especialmente nesse campo de nossa reflexão: os seminários, como toda a rede de tarefas, instituições, trabalhos e embates exigidos pela formação do clero. Destaquemos algumas atitudes típicas em que essa espiritualidade resplandece mostrando toda a sua força mas igualmente os momentos difíceis, as encruzilhadas críticas em que ela parece titubear, e pelo menos durante certo tempo não consegue ter a lucidez e a coragem criativas para abrir novos caminhos e

inventar novos paradigmas pastorais e pedagógicos, para ajudar a fazer surgir na Igreja dos tempos modernos novos modelos de padres, modelos novos de apostolado, de paróquias, de comunidades, de compromisso dos leigos em formas apropriadas de evangelização e de promoção de um mundo novo.

A lucidez e a coragem criativas da Igreja e especialmente dos Lazaristas empenhados na pedagogia, na formação do clero, eram submetidos ao supremo desafio porque, após o imenso vazio educacional do Brasil colonial, os séculos XIX e XX serão movidos, agitados e sacudidos por aspirações, anseios e projetos de escola para o País. Que haja escola surgindo para preencher a lacuna imensa do analfabetismo e da ignorância, que venha escola nova para sanar os atrasos senão os desvios do ensino antigo, tido por fruto antiquado de um sistema arcaico, escolástico, medieval, punitivo, repressivo, alheio aos progressos modernos da psicologia e da pedagogia. Está aí a grande e sempre renovada encruzilhada, no sentido forte etimológico da pesada cruz que os Lazaristas, professores e diretores de seminários, não podiam esquivar de forma alguma.

Acertaram em geral, acertaram em muitas coisas e durante muito tempo. No entanto era preciso acertar sempre, pelo menos quanto ao essencial, na compreensão da Igreja que Vaticano II apontará como sacramento da reconciliação universal, o que significa da “compreensão universal, para caminhar e progredir pelas estradas da modernidade, pois só podemos ser modernos embora admirando os mestres patrísticos e medievais, porque souberam ser modernos nos seus tempos. Começemos por comemorar os acertos, lembrando em seguida as crises que surgem como pedras irremovíveis bem no meio do caminho.

Os êxitos na paciência e na discrição escondida do dia a dia merecem ser lembrados, pois a tendência da história é evocar o mais vistoso. Esses êxitos se enraízam na qualidade da vida. Aquele singelo cortejo de virtudes lançadas por S. Vicente como o fundamento de sua espiritualidade, a humildade, a simplicidade que dá à vida e à comunidade vicentinas uma tonalidade apagada, lhes confere na verdade uma inspiração uma energia secreta que o despreendimento, a despreensão, o desinteresse, o saber estar presente e orientar, sem aparecer, realizando o que há de mais evangélico e fecundo a gratuidade do amor.

Daí, nessas dezenas, mais de uma centena de anos, essa rede de educadores consagrados à atitude de firmeza no estudo, uma consagração à oração, sem exageros de devoções ou de métodos sofisticados, um trabalho intelectual sério e um ensino voltado incansavelmente à transmissão do que

parece ser as aquisições e as tradições de base na igreja. Longe das audácias inovadoras, o seminário oferecia para gerações de sacerdotes um bom ponto de partida, sem muita chance de ser prolongado, pois a esse tipo de pedagogia e de aprendizagem faltava o estímulo do diálogo, do contato com os problemas candentes na atualidade da igreja, do País e do mundo.

Poderíamos dizer: no exercício da missão, na função pedagógica dos Lazaristas multiplicam-se os pontos fracos, os defeitos que parasitam as qualidades, sendo acobertados pelo manto dessas qualidades. De envolta ou na sombra da fidelidade ao Magistério, à tradição se insinua e vai tomando conta a rotina repetitiva: A humildade, essa força extraordinária que mantém a família de S. Vicente numa fraternidade tão unânime, acaba por vezes dissimulando uma terrível falta de audácia e de criatividade. Com o empenho de evitar a tentação de sobressair, a insistência na uniformidade como guardião da concórdia fraterna, cultiva-se a mediocridade, essa erva daninha e esterilizante na seara de Deus e da cultura. A norma de seguir manuais vai bem com o menor esforço de ensinar sem pesquisar, sem inovar e transmitir os frutos de suas experiências, de seus estudos e de suas pesquisas à comunidade dos colegas professores, ao mundo da cultura.

A caridade, suavemente cortejada pela humildade e pela simplicidade, é deveras uma fonte de paz, de trabalho e dedicação irradiando harmonia e tranqüilidade. Mas sob o manto dessa encantadora caridade, pode infiltrar-se o medo mesquinho, que leva a fugir de toda discussão, a esquivar-se, por princípio, de controvérsias e debates, evitando até qualquer forma de diálogo, buscando segurança no apelo às autoridades do poder e a mestres já consagrados no passado.

Essas falhas ameaçam a todos na Igreja e na sociedade. Mas os Lazaristas corriam o risco maior, estavam especialmente expostos e desprotegidos, jogados bem na linha de frente, exerciam uma missão em que não se pode errar. É a grandeza do professor: lidar com a verdade, essa luz e essa energia salvadora, mas tendo qualquer coisa de força explosiva se for fragmentada e os aventureiros passarem a manipular verdades despedaçadas ou parciais.

Nesse amplo jogo da inteligência, da cultura, da teologia, da educação e da pedagogia, os Lazaristas muito especialmente no Brasil, haviam entrado com um pesado handicap, com aquela herança histórica carregada de ambigüidades, pois vinham preencher o vazio criado pelo regalismo, pelo reformismo pombalino; e esses maus começos haviam de ser prolongados entre as incertezas e controvérsias da igreja oficial de Pio IX em conflito com o mundo moderno. Os colégios, os seminários, as

obras católicas deviam contar com a benemerência do padroado, com as boas graças da corte e dos cortesões, estar a serviço de uma elite, desprovida de sentido de justiça e de solidariedade, e, no entanto e antes de tudo, testemunhar e ensinar os valores humanos e evangélicos.

Os Lazaristas entraram no jogo ou na luta, bem equipados de uma espiritualidade muito pura e muito forte. Mas parece que foram acumulando falhas ou pegando atraso numa cristandade, numa sociedade, num sistema econômico, político e social, animados por outros valores e motivos, bem mais terra a terra, mas bem firmes em suas novas técnicas e formas de saber. Nos meados do século XX, explode a grande crise generalizada. A posição dos Lazaristas como do conjunto dos religiosos e do clero será tanto mais delicada e mesmo espinhosa, quanto lhes parecia estranha a atitude da Igreja, que tentava se desfazer dos resquícios da cristandade e entrar em uma fase de mudanças, em um chamado *aggiornamento* difícil de definir.

VI – As crises do século XX antes e durante o Concílio Vaticano II

É verdade que esse *aggiornamento*, assim denominado com humor por João XXIII era batizado por ele em momentos mais solenes como sendo um novo Pentecostes, de que o Concílio Vaticano II seria o momento pleno e intenso. Mas bem sabemos que o Espírito santo não é dado para suprimir ou resolver os problemas, mas para dar a capacidade de enfrentar os problemas na busca da verdade, na comunhão e no diálogo fraternos. Vaticano II, o maior e mais fecundo Concílio da história, seria portanto o grande convite e o grande impulso ao encontro, ao diálogo generalizado, bem preparado e bem conduzido, dentro da Igreja e da Igreja com o mundo.

Mas antes de ser e para ser esse grande momento plenitude da comunhão, do diálogo, da co-responsabilidade, o Concílio era o ponto de chegada de uma maré crescente dos movimentos de renovação e de contestação na Igreja e na sociedade. Dom Hélder declarava serenamente em 1977: “Hoje, é fácil ver como o Espírito de Deus, por meio de Movimentos como o Movimento Bíblico, o Movimento Litúrgico e, sobretudo, a Ação Católica (Geral e depois Especializada), preparou o Concílio Ecumênico Vaticano II, completado, para os latino-americanos, pela Assembléia Latino-americana de Bispos, em Medellín.

Hoje, é fácil verificar como aludidos Movimentos prepararam o surgimento das Conferências de Bispos, em plano nacional como a CNBB, ou continental como o CELAM (Conselho do Episcopado Latino-

americano). O Espírito de Deus queria conduzir-nos à vivência da Colegialidade Episcopal e da Co-responsabilidade de todo o Povo de Deus.

Pode-se dizer que esses movimentos renovadores atingiram e ativaram todos os aspectos e sectores da vida interna da Igreja e de suas relações com a sociedade. Eles brotavam e se desenvolviam a partir de iniciativas de grandes líderes eclesiais, religiosos e leigos, adquiriam estruturas mais ou menos sólidas, ganhando consistência quando apoiados por instituições já estabelecidas e reconhecidas. Famílias religiosas como os beneditinos, os franciscanos, os jesuítas, os dominicanos, em geral mediante equipes ou grupos especializados despertavam a atenção da Igreja para elementos importantes e mesmo essenciais que estavam um pouco na penumbra desde os velhos tempos da cristandade.

Com o risco de omitir e simplificar muita coisa, convém evocar as grandes linhas dessa renovação da Igreja que precedeu e preparou o Concílio e foi por ele homologada e oficializada, expondo-se então à triste sorte da vulgarização superficial e das contradições dos interesses mesquinhos.

Primeiro no plano do pensamento, nos campos próprios da teologia ou em afinidade com ela verifica-se um surgimento ou um ressurgimento de temas, cuja junção segundo predominâncias e prioridades novas fazia emergir novos paradigmas teológicos. Despontam com mais ou menos aceitação novos paradigmas ou novos modos de visualizar a igreja, Cristo, os sacramentos, especialmente o batismo e a Eucaristia, sumamente privilegiados nos movimentos de renovação, bem como da sexualidade, do matrimônio, da vida religiosa, do sacerdócio, dos ministérios, do próprio mistério de Deus, visto, contemplado presente na criação, na salvação, na história. Uma grande atenção voltada então para o Espírito Santo coincide com uma valorização dos leigos e da laicidade.

Em uma linguagem menos precisa fala-se de teologia para designar os novos sectores mais destacados por essa renovação do pensamento cristão amplamente estendida a grandes espaços da opinião pública, e sobretudo da cultura. Assim multiplicam-se os títulos de “teologia das realidades terrestres”, “teologia do laicato”, “da cultura”, da “política” .

Em sintonia com essa vaga de renovação mais doutrinal, vão brotando e crescendo outras de caráter prático, tocando a vida cristã, a moral e ascese, bem como as formas de pastoral, em suas relações com as novas condições dos fiéis e as modificações que se multiplicam, intensificam e reforçam nas formas de pensar, sentir, de agir e comunicar-se no mundo moderno. Lembremos o que aparece com mais força e

evidência: há novos modos de ver o pluralismo no campo da ética, do direito, das opiniões, dos comportamentos e das instituições. Concretizemos um pouco: acentuam-se como valores primordiais a liberdade, a autonomia e as reivindicações de emancipação, de igualdade para todos, com repercussões em todas as categorias ou grupos até hoje tidos por discriminados: a começar pelas mulheres, os jovens, os negros, os indígenas. Assim, por exemplo, todo trabalho missionário, todas as pastorais indigenistas foram revolucionados pela nova visão que os cientistas, primeiro, a sociedade e finalmente a Igreja vão tendo dos povos indígenas, dos seus valores culturais, familiares e religiosos.

A novidade dos paradigmas teóricos de compreensão dos valores e os novos modelos práticos que daí decorrem para a orientação da vida dos indivíduos e dos grupos acarretam de maneira mais e mais acelerada e cumulativa uma mudança social global, um novo paradigma de humanidade, um novo modo de compreender a vida, a história, a sociedade, o sexo, a política, a cultura, a educação, com um novo modelo prático correspondente de agir, de modificar e até de manipular todos esses domínios constitutivos da humanidade em seu conjunto.

Pela primeira vez na história, a Igreja em um concílio deixou de olhar para aspectos parciais de sua vida no mundo, de se ocupar de erros, de heresias, de adversários vistos em sua particularidade, e enfrentou o problema global: a Igreja e o mundo de hoje. Tal não é apenas o título e o tema da última das Constituições com que se encerrou o Concílio mas é bem esta a inspiração profunda de todo o trabalho e de todos os documentos conciliares.

Os lazaristas não foram mais retrógrados que outros protagonistas ou sectores similares dentro da Igreja. Um historiador da Congregação da Missão, como pedindo desculpas, lembra que apenas “três padres lazaristas foram lembrados durante o Concílio: o Pe. Fernando Portal, pioneiro, com o Cardeal Mercier, do Movimento ecumênico; o Pe. Pouget, Professor e intérprete das Sagradas Escrituras; o Pe. Lebe com sua tese: Padres chineses para os chineses. Bispos chineses para o povo chinês”.¹⁰

¹⁰ Os exemplos são sugestivos porque mostram a presença de líderes lazaristas na vanguarda do pensamento e da vida da Igreja, mas de maneira discreta, escondida, lutando contra obstáculos externos e contra a mentalidade mesma de reserva e de humilde auto-ocultação da “Pequena Companhia”. Nesse sentido, um exemplo mais ilustrativo ainda se encontra no próprio Concílio, na sua preparação, no seu primeiro êxito, que foi a Constituição Sacrosanctum Concilium, sobre a liturgia. O

Na verdade, o embate da igreja oficial com elementos de vanguardas já vem de longe; e grande parte de elementos pioneiros ou abertos ao diálogo com a cultura, com as aspirações sociais e democráticas se via cerceada senão refreada por uma autoridade rígida e repressora porque amedrontada diante das necessárias inovações.

Dentro desse quadro e nessa perspectiva que havemos de abordar estas páginas de uma história para nós comovente: como os lazaristas nos anos 60 abandonam os seminários, após um século de triunfo do trabalho paciente.

Destacando especialmente estes nomes luminosos: Mariana, Diamantina, Fortaleza, buscamos analisar as ocasiões circunstanciais e grande contexto dessas perdas, para os lazaristas sem dúvida, mas também a continuidade de um belo labor apostólico e educacional.

Pois, a olhar profundamente essa série de episódios acontecendo em sincronismo significativo, o que estava em jogo: uma série de novos paradigmas, de novas formas de conhecimento e uma série de novos modelos práticos, de novos caminhos para viver e pregar o Evangelho.

VII - O Seminário da Prainha dos anos 40-50 do século passado

Como lazarista fui professor no seminário da Prainha em 1949-1950. Vou tentar integrar essa experiência relativamente curta dentro do quadro de informações e reflexões acumuladas neste mais de meio século de contato com a pastoral, o ensino e muito particularmente com o problema da formação sacerdotal na Igreja contemporânea. A primeira impressão que guardo e que só tem se confirmado se traduz nesta fórmula talvez um tanto

lazarista Annibale Bugnini foi uma das figuras mais importantes senão a mais decisiva para este êxito, como testemunha um grande pioneiro da reforma litúrgica entre nós, Dom Clemente Isnard, OSB. Falando do esquema preparado para o Concílio, pela Comissão secretariada por Bugnini, declara Dom Isnard: “Esse esquema, dentro do primeiro volume distribuído aos Padres Conciliares, representava o que havia de melhor na preparação do Concílio, e, por esta razão, foi escolhido para ser o primeiro assunto estudado e votado.” E, após sintetizar o conteúdo do trabalho, conclui com pleno conhecimento de causa: “Daí o reconhecimento que devemos ao cardeal Cicognani, a Annibale Bugnini e Martimort e outros que, corajosamente, abriram caminhos”. Cf. Autor citado, Magistério Episcopal, Cúria Diocesana de Nova Friburgo, 1989. Um belo volume de testemunho e de doutrina, de 560 páginas.

paradoxal: a obediência nos enfeixava em um reduto minucioso de deveres e de horários a seguir à risca, mas nos deixava um vasto campo de liberdade nas tomadas de posição pessoais nas grandes questões intelectuais, contanto que não houvesse perturbação na marcha da casa nem exhibições pretensivas que quebrassem a costumeira uniformidade.

Superior dos Lazaristas e do seminário o Padre Josefino Cabral, sem muitos preâmbulos, me comunicou que deveria ensinar filosofia, teologia pastoral para o último ano, mais um curso especializado de pedagogia catequética. Novo professor contava com a plena confiança do Superior, dos coirmãos e colegas e se sentia à vontade para montar os seus cursos e entrar em contato com estudantes, que lhe pareceram de cara os mais ativos e dialogantes de quantos encontrará em sua carreira.

Esse meado do século XX emerge como um momento mais que privilegiado nas inquietudes e tentativas de reforma da Igreja e de suas posições face ao mundo que se curava das grandes chagas causadas pela guerra e buscava rumo pelos caminhos da democracia em meio aos debates de ideais e ideologias e de calorosas lutas sociais. Em Fortaleza a Ação Católica, especialmente a JUC, de que me faço logo o Assistente, se empenha em abrir caminhos enfrentando a concorrência dos conservadores ou dos comunistas.

Em 1950, quando o filósofo francês Jean Paul Sartre lança o seu “O existencialismo é um humanismo”, o jovem professor de filosofia na Prainha era convidado para fazer uma conferência-debate na Faculdade de Filosofia sobre O “Humanismo cristão e ateu, existencialista e marxista”. O Seminário da Prainha contava com uma boa dúzia de professores, a maior parte representando uma séria cultura clássica, como o Pe Cabral, uns dois ou três lazaristas holandeses formados na Europa, e com alguns elementos jovens mais voltados para a atualidade, para o social e para os movimentos ou bulícios de reformas na igreja, entre os mais conhecidos: Pe. Joaquim Horta, Pe. Oscar Lustosa, em contato com lazaristas de outros seminários no Maranhão, em Mariana, em Diamantina, em Petrópolis.. Interessava-nos então a incipiente reforma litúrgica, a marcha ainda insegura também da Ação Católica, com a insistência na valorização e a participação ativa dos leigos na Igreja, um pensamento católico se afirmava em confronto com os problemas e interrogações do momento, especialmente mediante figuras como Alceu Amoroso Lima e outros de Centro Dom Vital, trazendo-nos os ideais de um novo humanismo na linha de Jacques Maritain.

Bem se pode adivinhar que, na Prainha, esses elementos mais dinâmicos ou pelos menos mais inquietos como o jovem professor de

teologia pastoral que era então, se sentiam incitados a se inspirarem da renovação da teologia teórica e prática da Europa e a fazer corpo com os grupos renovadores que surgiam e se multiplicavam em nosso País. Por vezes os encontros se faziam sem que os parceiros ou militantes de uma mesma causa se conhecessem, mas fraternizavam no entanto combatendo em trincheiras do mesmo lado, embora distantes e ignoradas umas das outras.

É o caso dos lazaristas e da reforma litúrgica inaugurada então sob o pontificado de Pio XII e que vai desabrochar na primeira Constituição do Concílio Vaticano II, em 1963. A reforma litúrgica que partira de grupos particulares, de monges e mosteiros beneditinos, desde o pontificado de Pio X, após uns tantos altos e baixos, é homologada por Pio XII, pela encíclica *Mediator Dei* (de 1947), que condenando abusos e exageros, abria a porta a preciosas iniciativas como a missa participada, a formação e integração dos fiéis no domínio da oração oficial da Igreja, tudo sem dúvida sob a vigilância dos bispos, para evitar o retorno dos desvios passados. Em seguida o Papa lança como que a primeira pedra para a verdadeira reforma litúrgica, que se irá construindo, firmemente não sem encontrar barreiras de oposições e de inércias. Essa pedra angular era a restauração do tríduo pascal, o ano litúrgico, centrado sobre a Páscoa sobre a morte-ressurreição de Cristo, coroada pelo Dom do Espírito em Pentecostes.

Ora, quem era o assessor do Papa, o homem de pensamento, de compreensão vivida da liturgia e da Igreja, capaz de indicar por onde começar e como conduzir essa volta da Igreja ao essencial? Esse homem era o teólogo humilde e competente, o lazarista Pe. Annibale Bugnini. Ele foi formado especialmente pela Congregação da Missão para essa tarefa, estudando a teologia com os Dominicanos na Universidade Angelicum e fazendo cursos especializados até de arqueologia. Em 1948, Bugnini é nomeado secretário da nova Comissão da reforma litúrgica recém criada por Pio XII. Desde então em ligação com os pioneiros da reforma litúrgica no mundo, na França com Aimé-Georges Martimort, o grande mas sempre escondido lazarista, faz um trabalho de formiga, que ele levará um dia ao Concílio, sendo perito da Comissão conciliar de liturgia. Sempre combatido e até mesmo caluniado por aqueles que se julgavam donos do poder eclesiástico, Pe. Annibale Bugnini viu o triunfo da reforma litúrgica pela qual trabalhou na inteira confiança e amizade de Paulo VI.

Mas um dia em 1975, ele é despedido, sem que se saiba a razão. O Papa cede às pressões dos adversários do lazarista, precisamente em um

momento em que este fazia valer a importância das Conferências episcopais, para a saudável descentralização da Igreja e a vitalidade das liturgias nas comunidades locais. Em fevereiro de 1972, o Papa havia resolvido sagrar bispo o Pe. Bugnini. Mas a decisão de promover serviu o intento de remover o grande, um dos maiores especialistas da liturgia, enviando-o como núncio, ou melhor pronúncio apostólico bem longe em Teerã. Nada podendo fazer nesse desterro, para o qual nada o tinha preparado, Dom Annibale Bugnini volta e permanece fechado em sua casa religiosa em Roma, rezando, estudando, escrevendo até sua morte. Esta veio colhê-lo após uma operação cirúrgica banal, dia 3 de julho de 1982.¹¹

Mas voltemos ao Brasil, à nossa querida Prainha. Já nos começos dos trabalhos e lutas do Pe Bugnini, sem o conhecer, nós seus coirmãos brasileiros sonhávamos realizar algo daquilo que ele fazia. Em resumo, queríamos iniciar o seminário da Prainha na reforma litúrgica e ajudá-lo a abrir-se ao movimento renovador que João XXIII chamará em 1959 o Novo pentecostes da Igreja. Digamos que era o tempo de semear e não de colher. Houve incompreensões. Bem pode ser que não estivéssemos preparados para o diálogo, para entrarmos juntos nesses complexos e movediços projetos de reformas de base para a Igreja e para a sociedade.

O certo é que, em meio a tantos sonhos e a algumas dificuldades, o Seminário da Prainha contribuía para a boa formação de bons padres e excelentes bispos e irradiava cultura e espiritualidade em diálogo com a população de Fortaleza, com as dioceses e cidades do Ceará e do Nordeste. Somos convidados a redescobrir esses laços e esses tecidos, pouco visíveis porque espirituais e mais vividos na experiência da comunicação oral e de intercâmbios espontâneos do que traduzidos em instituições e escritos que permanecem.

¹¹ Deixou perfeitamente acabado um grande livro A reforma litúrgica (1948-1975), um volume de 930 páginas, publicado no ano seguinte (1983). Em 1982, foi oferecido ao Pe. Bugnini um livro coletivo de homenagens: Liturgia, opera divina e humana. Uma excelente apresentação do livro e da vida de Bugnini por Aimé-Georges MARTIMORT, l'histoire de la réforme liturgique à travers le témoignage de Mgr Annibale Bugnini, em La Maison-Dieu, 162, 1985, 125-155

VIII - Conclusão: O Seminário da Prainha, memória, esperança e compromisso

Concluirei como comecei por um pequeno feixe de simples sugestões a partir da experiência pessoal.

Primeiro há uma bela história a cultivar, porque ela foi um jardim de realizações culturais e espirituais dentro do que era então possível. Nada de ceder à tentação maniqueísta, à tendência de apontar bodes expiatórios, à pretensão de separar os perfeitamente bons e os irremissivelmente maus, na certeza de que muito foi feito na perspectiva da preparação e da realização do Concílio, por exemplo, ou do encontro dos povos em torno da ONU e da Declaração Universal dos Direitos humanos. Mas houve e há muito atraso e muito desencontro por falta de maturidade na busca do essencial, no compromisso com o bem comum da Igreja e da humanidade. Mas o importante, a lição decisiva e que não podemos esquecer, é que aprendemos a dialogar, vamos discernindo as leis da convivência na igualdade de uma mesma dignidade e nas diferenças de nossos modos concretos de pensar, de sentir e comunicar.

Especialmente aos jovens, aos estudantes mas, por que não, também aos seus mestres, quero sugerir-lhes com muito carinho e com alguma insistência que se consagrem ao estudo aprofundado e crítico da história, buscando desnudar e apontar responsabilidades do velho passado e dos tempos mais recentes. Por que essa cegueira da cristandade diante dos graves problemas da humanidade? Tomás de Aquino mostra com muita fineza que a memória é um elemento indispensável da virtude de prudência, dessa sabedoria prática, que é coragem e lucidez; ela é o amor se tornando capaz de discernir e decidir os caminhos do agir pessoal, comunitário e social.

É hora portanto de retomar as esperanças hoje ampliadas, aprofundadas e enriquecidas pela experiência das pessoas, das gerações e das comunidades. Daí brotará o compromisso de uma fidelidade criativa, que é lembrança não repetição do passado. A nossa fé se apóia na tradição, na palavra que já nos foi dada, para que a vivamos no presente, animados e impelidos pela esperança no Deus do futuro e da eternidade. Imergidos na história, não ficamos agarrados ao que já se foi, pois cremos no “Deus que é, que era e que vem” (Ap 1,4).

**Frei Carlos Josaphat, OP*

Professor emérito da Universidade de Friburgo/Suíça